

A SUPLEMENTAÇÃO DO CRIADOR E A NOTORIEDADE DA CRIATURA (A PERSONAGEM EM ARTHUR CONAN DOYLE)

Fernando Serafim dos Anjos¹

Um Breve Resumo

Quais são os fatores que levaram o personagem Sherlock Holmes a suplantar seu próprio criador, o escritor Sir Arthur Conan Doyle? Com base na leitura dos romances e contos protagonizados por Sherlock Holmes e também na leitura de romances que não abordam o famoso detetive da Baker Street, assim como em teorias literárias que abordam a questão do personagem, este trabalho pretende investigar as possibilidades que levaram a tal fenômeno literário. Como mencionado, Arthur Conan Doyle foi autor não apenas de obras protagonizadas por Holmes, mas também de outras tão misteriosas quanto as obras em que o detetive é personagem central. Por que então Sherlock Holmes se torna, ao longo do tempo, o personagem mais importante da escrita de Conan Doyle, ofuscando não apenas as outras obras escritas pelo autor, mas também a imagem do próprio escritor frente à sua criação? Destaco aqui a importância literária das obras de Conan Doyle, de forma que não pretendo afirmar que seus únicos trabalhos que merecem um olhar apurado são os romances e contos protagonizados por Sherlock Holmes. Apenas visio à tentativa de compreensão notoriedade exacerbada de um único personagem em meio a uma criação tão vasta de realidades ficcionais e outros personagens também complexos por parte de Arthur Conan Doyle. Este trabalho discutirá possíveis fatores que levaram a ascensão do personagem fictício Sherlock Holmes no âmbito literário frente ao ofuscamento de seu criador.

Introdução

A escrita de uma obra não se dá apenas a partir da inserção das ideias do autor no papel. É necessário dominar determinadas técnicas inerentes ao processo de escrita. Essas técnicas se dão não apenas no âmbito da forma, mas também no âmbito do conteúdo. A maneira como o enredo é apresentado ao leitor, a amarração da trama e outros aspectos literários são muito importantes para que a obra atinja seu objetivo maior, que é alcançar o leitor. Nesse ponto, Arthur Conan Doyle realizou um exímio trabalho na constituição das obras perpassadas pelo seu personagem

¹ Aluno do quinto ano do curso de Letras (Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar). Endereço Eletrônico: fernandoinstituto@gmail.com

mais notório, Sherlock Holmes. Porém, este trabalho foi lhe rendeu o próprio ofuscamento em relação a Sherlock Holmes. Os fatores (ou alguns deles) que podem ter levado a isso serão abordados no decorrer deste trabalho.

Muito prazer, Sherlock Holmes

Sherlock Holmes é um personagem extremamente conhecido, tendo adquirido notoriedade ao longo da obra de seu autor, Sir Arthur Conan Doyle. Mas de que forma se dava a relação entre personagem e escritor? Refiro-me aqui à questão da visibilidade dada tanto a Sherlock Holmes quanto a Arthur Conan Doyle através das obras publicadas. É importante mencionar que Arthur Conan Doyle não foi autor apenas de obras protagonizadas por Sherlock Holmes. Há uma série de contos e também alguns romances de escrita muito refinada e até com certa notoriedade no meio literário, porém que não o revelaram como escritor e, principalmente (de acordo com os objetivos deste trabalho) não inseriram no cânone literário personagens tão intensos e vivos quanto Sherlock Holmes.

Dentre as obras de Arthur Conan Doyle que não abordam o personagem Sherlock Holmes, podemos citar, por exemplo, *The White Company* (1891) ou *The Tragedy of the 'Korosco'*², romances de exímia escrita e que tendem ao mesmo mistério inerente às obras perpassadas pela sagacidade e poder de percepção de Holmes. Neste ponto temos a nítida impressão de que há algo tão específico quanto incisivo não apenas na constituição dos enredos nos quais Sherlock Holmes é inserido, mas também na constituição do próprio personagem. O mistério atuando sempre como fator essencial à narrativa e à própria profissão de Holmes é o primeiro aspecto que pretendo abordar, visto que o ambiente perpassado por um tipo de “mistério próximo da realidade” tende sempre (ou na maioria dos casos) a chamar a atenção do leitor de forma muito enfática. Recai-mos aqui na questão da verossimilhança (tanto na constituição do espaço/tempo quanto na constituição da personalidade da personagem). A respeito dessa questão, Antônio Cândido³, em sua obra *A Personagem de Ficção* (2005)⁴ afirma que:

² Títulos traduzidos para o português: “A Companhia Branca” e “A Tragédia do ‘Korosko’”, respectivamente.

³ Antônio Cândido é estudioso de literatura brasileira e teoria literária. Atua como professor na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), tendo atuado também na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Autor de várias obras de crítica literária.

⁴ Obra idealizada por Antônio Cândido e escrita em parceria com os autores Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes.

A personagem é um ser fictício – expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode a ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunia a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

(CANDIDO, 2005, p. 55)

A mescla entre ficção e realidade parece ser um dos fatores importantes para a constituição dos enredos de Conan Doyle. Vemos que, segundo CANDIDO (2005), a verossimilhança do texto de ficção depende da possibilidade de um ser ficcional se comunicar com algum tipo de verdade existencial. Neste ponto temos um importante dado a respeito do personagem em questão. Sherlock Holmes é dotado, ao longo de toda a sua existência como personagem, de questionamentos existenciais extremos. A necessidade constante de ter em suas mãos casos misteriosos para solucionar ou as sensações periódicas de preguiça e certo desleixo com a vida pessoal são, do ponto de vista da identificação entre leitor e obra, um importante fator de ordem literária. Há certa identificação entre o leitor e Sherlock Holmes ao passo que não se trata de um personagem puramente fantástico, mas sim dotado de características extremamente humanas, como o potencial exagerado para determinada função e as frustrações inerentes a qualquer um que leia a obra.

A ausência de maniqueísmos em relação à personalidade de Holmes me parece ser um fatores mais contundentes presentes nos romances de Conan Doyle. Sherlock Holmes poderia surgir no âmbito literário com o estereótipo de detetive engajado na profissão, incorruptível, que jamais dorme e sempre disposto a desvendar os casos mais misteriosos e aparentemente insolúveis. Porém, o que vemos é um detetive que, sim, tem uma gana muito grande em desvendar os casos que lhe aparecem e, pra todos os efeitos, não se deixa envolver pela corrupção, mas que também se deixa envolver pela preguiça, pela relutância em receber, em alguns momentos, a ajuda alheia (a ajuda de seu companheiro de casos, Dr. Watson). A personalidade de Sherlock Holmes parece ser permeada pelas características extremamente verossímeis de um homem que se esconde sob uma imagem fria e calculista, mas que está a todo o momento mostrando fraquezas, frustrações, falta de ânimo e outros sentimentos inerentes ao leitor que se depara com a obra.

Obviamente precisamos pensar na questão “contrária”. A sagacidade de Sherlock Holmes em seus momentos de engajamento nos casos a serem solucionados, a percepção aguçada quando está na cena de um crime ou a boa parceria com Watson, por exemplo, são pontos que levam o leitor a um patamar de fuga da realidade, visto que muitas vezes a solução dos casos depende de observações quase que sobrenaturais de Sherlock Holmes e seu parceiro, Dr. Watson.

É justamente essa mescla que é perfeitamente trabalhada por Conan Doyle em seus romances e contos protagonizados por Holmes.

O autor de um romance precisa, de certa forma, dominar as questões inerentes à sua obra. Relações entre personagens, motivos pelos quais o enredo é constituído, fatores que levam à verossimilhança, em geral a realidade que pretende mostrar ao leitor, são pontos importantes na escrita. Arthur Conan Doyle mostrou ao longo de sua obra um exímio domínio sobre a própria escrita. Acerca desse ponto, CANDIDO (2005) pontua:

De fato, dada a circunstância de ser o criados da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica essa realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentado ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas.
(CANDIDO, 2005, p. 64)

Temos aqui a importância em mostrar ao leitor uma realidade não fragmentada (ou o menos fragmentada possível) dentro do enredo que se quer apresentar. Mais uma vez recaímos na questão da mescla entre realidade e ficção. Porém, neste ponto surge a questão central deste trabalho. Seria o domínio por parte deste romancista (Conan Doyle) tão grande, tão absurdamente excelente, que seus leitores passaram a “negar” a existência do autor e pensar somente nos enredos magistralmente escritos? Estamos diante de um caso em que o processo de escrita não apresenta falhas. Pelo contrário. Trata-se de um processo tão bem elaborado que causou o efeito da suplementação do autor, visto que a realidade criada por Conan Doyle se constituiu de forma exacerbadamente sólida, o que resultou na impressão da real existência de um detetive tão fabuloso quanto humano.

Conan Doyle exerceu papel fundamental em sua época. A notoriedade de uma escrita que tinha em sua essência espaço e protagonista ingleses ganhava visibilidade. Uma legião de fãs passava a seguir os passos não de Conan Doyle, mas de Sherlock Holmes, o que ia, paulatinamente, ofuscando a imagem do próprio criador frente à criatura. Em sua obra *Literatura e Sociedade: Estudo de Teoria e História Literária*, CANDIDO (2002) nos fala a respeito do papel social do escritor:

[...] o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e o especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.
(CANDIDO, 2002, p. 74)

De maneira geral, Conan Doyle desempenhava um importante papel social em sua sociedade e época. Escrever a respeito de assuntos de ordem inglesa não apenas interessava os leitores ingleses, mas também fazia com que estes se vissem, de certa forma, representados numa literatura tão bem elaborada. A partir daí, tendo já constituído um nicho leitor, tornou-se conseqüência para Conan Doyle espalhar a sua obra e seu mais importante personagem para além do Reino Unido.

Outro fator curioso na escrita de Conan Doyle é a opção pela ausência de alegorias. Talvez devido ao gênero textual (romance policial), Conan Doyle tratava diretamente da realidade que pretendia mostrar ao leitor. Aqui, uma crítica à sua obra merece destaque. Seria Sir Arthur Conan Doyle um escritor dedicado apenas ao entretenimento? Aponto para esta usual premissa devido ao fato da escrita de Conan Doyle ser dotada, segundo alguns, de muita simplicidade. A influencia do escritor Tcheco Franz Kafka⁵, sobre a literatura inglesa, apontada por Anthony Burgess⁶, parece não ter sido assimilada pelo criador de Sherlock Holmes. Parece-me que as intenções de Conan Doyle eram as de levar o leitor a pensar sobre a narrativa, mas sem a necessidade de um esforço intelectual maçante. A curiosidade em relação à solução dos crimes era o foco, e não a reflexão a respeito de temas variados. Embora isso pareça um fator extremamente negativo em relação à escrita de Conan Doyle, ainda aponto para a maneira singular de escrever a respeito dos mistérios investigados por Sherlock Holmes. Porém, é importante pensarmos a respeito da possibilidade de Holmes ter se tornado tão notório personagem devido, entre outros fatores (alguns já mencionados aqui) à impressão de facilidade de leitura por parte daqueles que se identificavam (e ainda o fazem nos nossos dias) tanto com a obra.

O primeiro romance de Arthur Conan Doyle que teve como protagonista o nosso personagem central, Holmes, foi a obra *A Study in Sscartet*⁷, publicada em 1887. neste romance, Conan Doyle apresentava ao mundo o detetive da Baker Street, envolvendo-o na misteriosa morte de um homem numa casa vazia, sem razão aparente. A partir do sucesso da obra (e muito do personagem), Conan Doyle decidiu escrever, entre outros romances, uma série dedicada ao seu personagem mais conhecido. Além de uma gama de mais cinqüenta contos envolvendo Sherlock Holmes, os romances que seguiram tendo como protagonista o detetive Sherlock Holmes foram

⁵ Franz Kafka (1883–1924) foi um escritor Tcheco que abordava em suas obras temas como a alienação, a crítica social aos moldes de trabalho e questões existenciais. Autor de obras como *A Metamorfose*.

⁶ Anthony Burgess (1917–1993) foi escritor, compositor e crítico literário britânico. Autor da obra *Laranja Mecânica* (1962), posteriormente filmada pelo diretor norte americano Stanley Kubrick. A teoria a respeito da Influência de Fraz Kafka sobre a literatura inglesa encontra-se na obra *English Literature* (2001, p. 222).

⁷ Título traduzido para o português: “Um Estudo em Vermelho”.

The sign of the Four (1890), *The Hound of the Baskervilles* (1902) e *The Valley of Fear* (1915)⁸. Apostar em uma série me parece um dos pontos importantes do sucesso das obras de Conan Doyle.

Analisando de forma comparativa e pensando também na diferença de recursos publicitários e editoriais das épocas, podemos pensar analogamente na escritora contemporânea britânica J. K. Rowling, autora da série Harry Potter. Sua saga tornou-se mundialmente conhecida, sendo que o personagem central de sua escrita é sempre o mesmo: o jovem Harry Potter. Como mencionei anteriormente, há, sim, uma série de diferenças (editoriais, temporais, relação entre público e escritor, etc.). Há até mesmo uma diferença entre enredos, já que na série Harry Potter há um tipo de continuação, de ligação direta entre as sequências, uma vez que os casos investigados por Sherlock Holmes não parecem ter ligações entre si. Além do fato de haver em Harry Potter uma ligação muito mais forte com a literatura fantástica. O que quero propor nesse momento é a possibilidade do sucesso de ambas as séries estarem ligadas, além de outros fatores, ao fato de tratarem de um único personagem inserido em diversas situações. A expectativa por parte do leitor em relação às próximas situações que serão vivenciadas pelo mesmo personagem cria um legado de fãs desejosos a respeito do que virá.

A suplementação do autor diante de sua própria criação pode ter sido resultado, de forma paradoxal, de um trabalho exageradamente bem feito. Sir Arthur Conan Doyle dedicou sua escrita a um personagem que se tornou, ao longo do tempo, quase que independente de seu autor, vivendo uma vida permeada por traços humanos e, de certa forma, fantásticos. Essa mescla resultou num personagem capaz de trazer o leitor pra si, de colocá-lo junto à cena do crime, numa tensão indelével. A união de um personagem tão humano quanto incrível a fatores como a escrita em série, a inserção deste personagem num espaço familiar ao leitor, a ausência de maniqueísmos e alegorias exageradas é feita de forma exímia por Conan Doyle. Em suma, a mescla exata entre realidade e ficção é fator que, de forma especulativa e analítica, pode ter levado o personagem Sherlock Holmes a tão grande sucesso, ofuscando a imagem de seu próprio criador.

Uma Breve Discussão e Algumas Considerações

De acordo com o que foi discutido no presente trabalho, podemos pensar em algumas hipóteses para o exagerado sucesso do personagem Sherlock Holmes. É certo que nada se pode afirmar com total exatidão a respeito desse sucesso, que acabou, como foi visto, ofuscando até mesmo a imagem do próprio criador, Sir Arthur Conan Doyle. A identificação entre personagem (imenso na realidade verossímil apresentada pelo autor) e leitor é ponto central das discussões realizadas. Não há como resultado algo tão pontual que se possa afirmar com total certeza, mas o

⁸ Títulos traduzidos para o português: “O Sinal dos Quatro”, “O Cão dos Baskerville” e “O Vale do Medo”, respectivamente.

levantamento de possíveis questões a respeito do sucesso do personagem nos leva a pensar na importância de fatores extratextuais, visando à compreensão da obra de Conan Doyle por um olhar diferente do convencional.

Este estudo se propõe a discutir possíveis fatores que levaram o personagem Sherlock Holmes a se tornar mais notório do que o seu próprio criador, Sir Arthur Conan Doyle. Com base na leitura tanto de romances de Conan Doyle como de teóricos que abordam a questão do personagem ficcional, é possível concluir que há uma série de fatores extratextuais que precisam ser analisados com cuidado na obra deste autor. A relação com o público leitor, a constituição da realidade fictícia que este pretendia apresentar ao leitor, dentre outros aspectos, são pontos importantes que podem nos ajudar a compreender melhor o sucesso de Sherlock Holmes. Com o intuito de fechar a questão, menciono a importância literária de Conan Doyle no sentido de construir um personagem que tanto representa a realidade de um espaço específico, Londres e a Baker Street do final do século XIX (início do século XX), personagem que, de tão importante e grandioso em sua complexidade humana, acabou por assaltar os louros de seu autor.

Revisão Literária

Para este trabalho foram consultados importantes trabalhos de autores que tratam da questão da personagem de ficção e também de fatores extratextuais que configuram realidades literárias específicas, além da leitura de romances de Arthur Conan Doyle importantes para a feitura deste trabalho.

- Antônio Cândido. Estudioso de literatura e crítica literária. Atua como professor universitário. É autor de obras como *Literatura e Sociedade* e *A Personagem de Ficção*, esta última escrita em parceria com Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes.
- Anthony Burgess. Escritor, compositor e crítico literário Britânico. Escreveu, dentre outras obras, *Laranja Mecânica*.
- Sir Arthur Conan Doyle. Autor do personagem central das discussões deste trabalho, Sherlock Holmes e de outros romances e contos.

Referências

AUERBACH, E. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009;

BURGESS, A. *English Literature*. England: Longman, 2001;

CAMBRIDGE UNIVERSITY. *The Cambridge Guide to Literature in English*. England: Cambridge University Press, 1995;

CANDIDO, A. *A Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000;

----- *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005;

DOYLE, A. C. *A Study in Scarlet*. England: Penguin Books, 1988;

----- *O Cão dos Baskerville*. São Paulo: Companhia das Letras: 2003;

----- *A Companhia Branca*. São Paulo. Melhoramentos: s.d.;

----- *A Tragédia do 'Korosko'*. São Paulo. Melhoramentos: s.d.